

27 Abr 2009

MARTIN LOGAN SUMMIT X: $X + Y = ZÉ$

Colunas electrostáticas híbridas



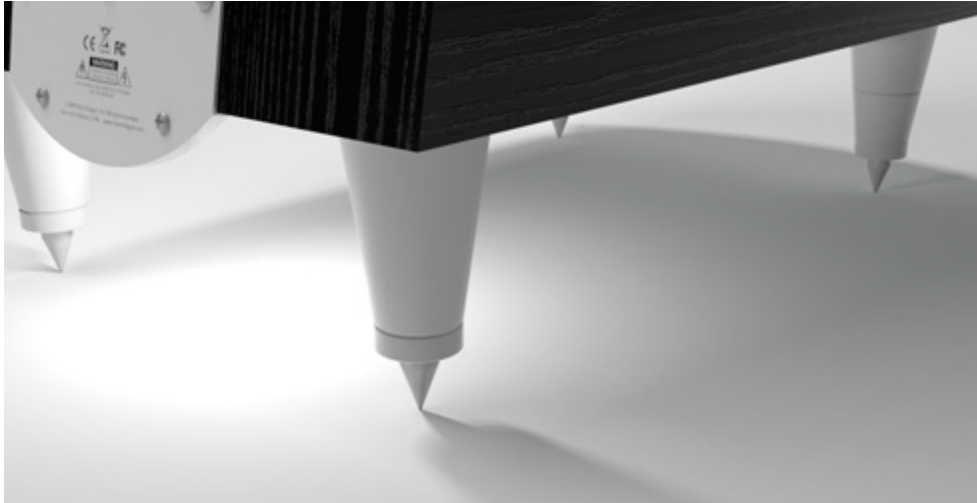
Na Summit o X não é uma incógnita, é uma certeza...

Um dia, em Munique, David Allen, da Martin Logan, perguntou-me o que eu achava das Summit, quando soube que as tinha em casa para teste. Respondi-lhe com a franqueza que sempre pautou a minha atitude perante o áudio: *too much bass...*



David Allen, em Munique 2007, quando as CLX ainda eram segredo de estado...

A primeira vez que as ouvi em Las Vegas, ainda na forma de protótipo, fiquei siderado pela naturalidade dos registos médios e o poder do grave. Mas na minha sala, por mais voltas que desse aos botões, que regulam a “quantidade” de graves centrados nas frequências de 25Hz e 50Hz, nunca consegui melhorar a “qualidade” (ler teste em Artigos Relacionados).



As Summit X de Saltos altos (foto catálogo, copyright Martin Logan)

Portanto, quando David me disse: “*we are working on it*”, eu sabia que vinha aí uma versão MkII. E aproveitei para sugerir três soluções: mudar o *crossover* e eliminar a possibilidade de bicablagem, porque rouba coerência e prejudica a integração entre secções; aumentar a distância do *woofer* inferior em relação ao chão e, consequentemente, também do *woofer* frontal, permitindo ao primeiro “respirar” melhor e ao segundo temporizar o reflexo secundário; facilitar o ajuste da inclinação (*rake angle*), que é fundamental para o equilíbrio tonal entre o painel e o *woofer*. Entre outras coisas sugeri ainda que o factor de qualidade (*Q factor*) da secção de graves fosse alterado para os tornar menos expansivos e mais “secos”.



Foto de catálogo copyright Martin Logan

A Martin Logan não precisa dos meus conselhos mas é com satisfação que vejo (melhor, oiço) que seguiram o mesmo caminho que eu teria seguido. Tudo o que eu sugeri foi aplicado na nova versão X, não necessariamente por ter sido eu a sugerir mas porque era o caminho mais lógico.

Devo ter sido um dos poucos críticos a levantar a questão do “peso específico” dos graves das Summit originais, quando todos os outros as colocavam nos píncaros. Não me surpreende, pois, que as primeiras reacções nos círculos “loganianos” (no [Martin Logan Club](#), por exemplo), se defenda que a X não traz nada de novo que justifique o aumento de preço. Eu acho que traz – e muito.



Martin Logan CLX: apresentação mundial no [Highend 2008, Munique](#)

A X é o que a Summit devia ter sido em primeiro lugar: a melhor coluna híbrida do mercado mundial! E vou ainda mais longe, prefiro as Summit X às CLX, que sempre me pareceram um “*patchwork*” – e não me refiro apenas ao *design*, discutível, mas também ao som, igualmente discutível. Sem falar no tamanho e no preço...

Contudo, foi às CLX que as Summit X foram buscar a inspiração para o *crossover* Vojtko com fase variável na passagem de testemunho com controlo de dispersão. Seja o que for que isto signifique, resulta. Enquanto o grave das Summit soava como se andasse pela sala aos tombos, o das X é igualmente poderoso mas sólido e estável.



Summit originais: painel traseiro



Summit X: painel traseiro (copyright Martin Logan)

Não sei se a ML substituiu também os amplificadores escravos que alimentam os

altifalantes de graves, mas para já esta é a melhor implementação da tecnologia híbrida: *"the Force is with them"*. As caixas de graves das Summit X funcionam como verdadeiros "subs" com sinal musical útil até aos 20Hz (!), sem que as sensíveis oitavas acima, entre os 40Hz e os 160Hz, sofram qualquer espécie de *"overhang"* ou arrastamento favorecendo o acoplamento acústico com a sala de audição, ao contrário do que sucedia com as originais. E eu que pensava que não era possível ouvir um sinal de teste de 20Hz na "Capela".

Acima dos 200Hz, o painel vai tomando conta das operações sem se deixar intimidar pelas manifestações de força e violência doméstica na cave, com elegância e classe e aquela luminosidade e abertura de espírito tão própria das electrostáticas.

Eu diria mesmo que este é o melhor grave que já ouvi no meu estúdio (com ou sem *subwoofers* !!): profundo, poderoso, articulado e com um impacte visceral. Do tipo *trouser leg flapping*. Nunca um pedal de bateria me soou tão sólido, vigoroso e timbricamente correcto. Sim, eu já tive por cá umas Wilson Watt/Puppies, por isso sei do que estou a falar...

O ênfase aos 31,5Hz (frequência de ressonância da sala) continua lá, mas desta feita é possível controlá-lo sem esgotar a escala dos potenciómetros que regulam as frequências centradas nos 25Hz e 50Hz.

Mas não é só isso, meus caros: os altifalantes de alumínio páram quando o sinal cessa e, como a ressonância das caixas fechadas está também ela controlada, as ondas estacionárias *a la reflex* não se chegam a formar na sala, e o prazer da audição com pressões sonoras elevadas não é minimamente afectado. E quando eu escrevo "a altos níveis", *I mean it, guys!* As X tocam a níveis que nunca estarão ao alcance das electrostáticas naturais.

Tal como as Summit, as X são colunas todo-o-terreno, que tanto rodam em velocidade de cruzeiro nos prados verdejantes da música barroca, como andam a abrir por caminhos de cabras enlameados de música rock. A diferença está na tracção às 4-rodas: o pára-arranca é excepcional; e na suspensão, que é agora mais rija (*stiff*) para evitar os "capotanchos" (ao "secar" o grave com a alteração do "Q" e a manipulação da fase facilitou-se a integração com o painel), mantendo-as coladas ao chão independentemente da qualidade do piso e as oscilações do percurso.

As Summit X nunca se desligaram, distorceram ou deram parte de fracas em nenhuma circunstância. Muito menos deitaram chispas azuis (*arcing*). Dos Supertramp ao coro do Trinity College nunca se fizeram esquisitas e cumpriram sempre o que exigi delas: do som de concerto ao som de convento estão à vontade em todos os ambientes.



Foto de catálogo (copyright Martin Logan)

A ligação caixa/painel tem vindo a ser aperfeiçoada de tal modo que na foz a temperatura e a qualidade das águas do mar (grave) e do rio (painel) é cada vez mais difícil de distinguir. Com a maré cheia, detectei um toque de "peito" (eu disse peito, não busto...) em algumas vozes femininas, facilmente regulada com um fecho de -3dB na comporta dos 50Hz. E com ruído rosa, um som cavo e desgarrado no fundo da cascata (produto da sala) só precisou de um subsídio de integração social de -2dB aos 25Hz.

Apesar disso, a "alínea X" eliminou todas as reservas que tinha em relação à performance das Summit originais, sobretudo do grave. E assino de X.

Estes valores são meramente indicativos e podem variar com a sala, o tempo de "queima", a colocação, o "toe-in" e a inclinação (*rake angle*); e ainda com o equipamento complementar e até o programa musical.

Na fase de testes, os faróis de marcha atrás das X foram muito úteis, pois um ponto a mais ou a menos no potenciômetro pode fazer toda a diferença. E quando a sala está às escuras até acho graça ao halo de luz por baixo das colunas...

Mas há outra coisa que "emana" da parte de baixo das X: um ligeiro sopro dos amplificadores de Classe D (2 x 200W) que alimentam os "woofers", um restolhar que não chega a ser tão incomodativo como o ronronar das Spire, que numa sala surda e muda como a minha se ouvia nos intervalos da música.

Enquanto verde, o painel continua a exibir algum "glare", uma tendência para soar por vezes duro e constrangido, que vai desaparecendo com o uso (300 horas). Mesmo depois de "queimadas" soam melhor após 1 hora de utilização intensiva, ganhando características holográficas: a separação no espaço entre solistas e acompanhantes chega a ser assustadora.

Por outro lado, notei também (e medi, porque a partir daqui os meus ouvidos não são de fiar) uma pendente mais rápida no agudo a partir dos 15kHz, algo prematuro pelos padrões actuais, roubando-lhes um pouco de “ar” lá em cima no cume, embora minimize as vagas sugestões de aspereza no registos médio-altos que se insinuam por vezes na fase de “queima”.

De resto, os novos painéis X-Stat são de uma transparência visual e acústica inigualável. Além de serem resistentes a tudo: do mau ambiente à má música e aos maus tratos (podem até ser aspirados).

Atenção, o painel X-Stat não é pêra-doce para alimentar, a impedância desce à medida que a frequência sobe, logo a partir dos 10kHz, atingindo os 0,7 Ohm aos 20kHz! Na prática, isto significa que, apesar do grave activo, as X só aparentemente são um bom casamento para as válvulas (arredondam-lhes a saia, perdão, o som, é certo). Tocam muito bem com um PrimaLuna Dialogue Two, por exemplo: sendo muito sensíveis, não precisam em teoria de muita potência e até soam melhor a tocar alto que baixo. Contudo, como todas as electrostáticas, reagem ao abuso com tensão na voz, perdendo alguma da delicadeza que as caracteriza, sobretudo nos registos médio-altos.

Isto até as ligarmos a um Krell Evolution 302. É como dar oxigénio a um alpinista. Lembrem-se, as X alimentam-se de corrente mais do que de tensão – são carnívoras não são herbívoras.



Foto de catálogo (*copyright Martin Logan*)

As Summit X exibem a transparência e a rapidez de resposta a transitórios nos registos médios típica das colunas electrostáticas. E a resolução é de tal ordem que a simples mudança de um cabo se sente de imediato no equilíbrio tonal. Contudo, até porque se apresentam nuas em pelota, sem um manto diáfano que lhes cubra a fantasia, como as Quad, podem soar para alguns demasiado “claras”.

Este aparente excesso de luminosidade, que as torna pouco simpáticas para certos CDs, pode ser contrariado experimentando-se com o *"toe-in"* : não devem ser apontadas directamente à cabeça, antes disparar para um ponto virtual situado atrás do ouvinte, cuja distância faz variar em conformidade a que nos "separa" da boca do palco sonoro; ou seja, nos vértices ligados pela diagonal mais longa de um losango cuja diagonal mais curta é o plano das colunas que constituem os outros dois vértices do losango.

As X não gostam de estar demasiado afastadas uma da outra: o centro perde solidez e as vozes perdem corpo e textura – em caso de afastamento, aumente o *toe-in*: ganha em solidez o que perde em equilíbrio tonal. De facto, sendo dipolos acima dos 160Hz (os *woofers* também funcionam como dipolos logo abaixo da frequência de corte e em fase abaixo dos 100Hz), com a onda frontal e traseira separada por uma moldura muito fina e em oposição de fase. Ao cancelarem-se mutuamente, irradiam pouco ou nenhum som para os lados, facilitando assim a colocação numa sala mais comprida que larga, próximas das paredes laterais.



As Summit foram ouvidas na "Capela"

Foi esta a opção no meu pequeno estúdio para audições solitárias, tratado de forma a ter um tempo de reverberação muito baixo, o que aliado à audição no campo próximo, favorece o som directo e elimina grande parte do som reflectido da equação acústica, que é a principal praga da maior parte das salas cúbicas ou de grandes dimensões: boas para impressionar as visitas, más para reproduzir música. Ao contrário das Summit originais, as X adaptam-se a salas pequenas.

Há quem prefira a ambiência de Catedral. Eu oiço música como quem reza numa capela: a sós com Deus.

A busca da tonalidade ideal faz-se ainda com o *fine tuning* da inclinação (*rake angle* de 1° a 11°). Ao contrário do que sucedia com as Summit, prefiro ouvir as X totalmente reclinadas para trás em sensual abandono: no campo próximo o equilíbrio tonal melhora e a integração também.

As Summit X são a melhor coluna híbrida da Martin Logan que ouvi lá, cá ou em qualquer outro lugar. Mais: as X são a melhor coluna semi-electrostática que já ouvi. Mais ainda: as X são as colunas mais completas (poder, transparência, clareza, leveza e beleza) que já ouvi no meu estúdio, e as que melhor se adaptam a ele – e a mim...

José Victor Henriques, Editor

Teste originalmente publicado em www.hificlube.net

Fabricante: Martin Logan, EUA

Distribuidor: Imacústica, Portugal